



CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO E AS RELAÇÕES DE PODER NA NARRATIVA DE AUTORIA FEMININA

Cláudia Regina da Silva Rodrigues – Doutoranda em Literaturas Hispânicas (UFRJ)
contato: crs.rodrigues@yahoo.com.br

Resumo: Sendo a literatura uma importante fonte de informações, podendo auxiliar nos estudos pertinentes à escrita de autoria feminina; é possível afirmar que também é capaz de trazer ao conhecimento do público referências e registros suficientes aos anseios da comunidade. No âmbito do Brasil e do Peru, podemos elencar diversas autoras que foram fundamentais à luta que envolve as mulheres e suas reivindicações emancipatórias. Sendo assim, destacaremos as autoras Mercedes Cabello de Carbonera (Peru) e Júlia Lopes de Almeida (Brasil), respectivamente.

Palavras-chave: século XIX; autoria feminina; Brasil; Peru.

1. Escrita e Literatura

O conceito de ‘cultura’, quando considerado no contexto amplo do desenvolvimento histórico, exerce uma forte pressão contra os termos limitados de todos os outros conceitos.

Raymond Williams

O texto literário é fascinante e deseja mesmo seduzir fazendo, muitas vezes, passar por verdadeiro e natural o que na verdade está na ordem do fingido e maquiado. Através da interpretação da obra literária e das palavras, pode-se, então perceber emoções e aspirações que o autor teve ao escrever a sua obra, ou seja, a corrente interpretativa intencional na literatura. E, até mesmo, vir a compreender melhor diversos fatores que estão implícitos na sociedade, pois, ‘Dizer que ela (a Literatura) exprime a sociedade, constitui hoje verdadeiro altruísmo’ (Candido, 2000).

Mas é preciso lembrar que o escritor constrói sua literatura ancorada em parâmetros culturais definidos, ainda que suas fontes sejam negadas ou eclipsadas por uma dicção marcadamente individual e que, na elaboração signíca, os eventos sociais são ressignificados, obtendo sentidos não compartilhados por estudiosos da história, daí muito do conflito e da controvérsia relativa à primazia de um campo sobre outro.



Podemos dizer que a literatura conduz o progresso das atividades do homem desde os primórdios da história da escrita. Essas transcrições narram histórias de muitos personagens, comunidades e até grandes territórios que fazem uso desse tipo de representação simbólica em busca de reconhecimento e visibilidade.

No aspecto da literatura e da crítica literária, uma das temáticas recorrentes tem sido a feminina; e a crítica literária preocupa-se em agir diretamente no ordenamento social, deixando evidente o seu caráter político. É a literatura interferindo na disposição da sociedade; desconstruindo o caráter discriminatório das ideologias de gênero erigidas ao longo do tempo.

À literatura implica indagar a forma como essa escritura aborda e marca a diferença de gênero construída ao longo do tempo, promovendo a mostra das concepções preestabelecidas e ocasionando um processo de mudança nas mentalidades; ou, até mesmo, difundindo o posicionamento crítico do autor em relação às convenções sociais historicamente solidificadas que têm oprimido mulheres e silenciado vozes.

Este tipo de escritura visa uma transformação da condição subjugada da mulher; buscando alcançar o rompimento do discurso patriarcal dominante, libertando a mulher de uma posição de opressão e submissão. Busca desconstruir a oposição homem-mulher que marca e delimita o sistema patriarcal. Nesse sentido, a escritura de autoria feminina tem buscado ganhar visibilidade por meio das narrativas que simbolizam a vivência das mulheres.

São escritos que procuram adquirir autonomia tendo como elemento principal a atuação das mulheres tanto no ambiente público como no privado, divulgando a trajetória percorrida através da história. Por meio dos personagens essa escrita estabelece relações que indagam e também discordam das posições ocupadas na sociedade por mulheres e homens; salienta a luta da mulher por reconhecimento e visibilidade, sobretudo pela revisão da identidade feminina na sociedade. As representações através de romances que tratam questões pertinentes à temática feminina são inúmeras; uns mais acessíveis outros não.

As narrativas produzidas sobre a relação entre os gêneros são capazes de gerar uma enunciação ficcional capaz de levar a uma nova visão de mulher. Sobretudo conduzem a uma posição crítica sobre a história e a um olhar renovado sobre a questão,



sem deixar de ressaltar as peculiaridades identitárias das mulheres e, muitas vezes, também edificando a própria identidade.

2. Mulheres que escrevem

Os estudos que abarcam as ações literárias têm sido direcionados para diversas áreas, impulsionados por distintas pesquisas. Com isso, tendo como fundamento o movimento feminista, a escritura de autoria feminina tem buscado ganhar visibilidade por meio das narrativas que simbolizam a vivência das mulheres.

A literatura de autoria feminina procura adquirir autonomia, tendo como elemento principal a atuação das mulheres nos mais diversos eventos, divulgando a trajetória percorrida através da história. Nesse sentido, as escritoras sempre buscaram legitimar e dar visibilidade à história das mulheres.

Conduzindo olhares e vozes, aliando os contextos do passado com as práticas sociais da atualidade, as narrativas produzidas sobre a relação entre os gêneros são capazes de gerar uma enunciação ficcional aperfeiçoada, levando a uma nova visão de mulher.

No âmbito do Brasil e do Peru, podemos elencar diversas autoras que foram fundamentais à luta que envolve as mulheres e suas reivindicações emancipatórias. Sendo assim, destacaremos as autoras Mercedes Cabello de Carbonera (Peru) e Júlia Lopes de Almeida (Brasil) e seus romances *Eleodora* (1887) / *Las Consecuencias* (1889) e *Memórias de Marta* (1892), respectivamente.

As personagens foram mulheres comuns, vítimas do sistema patriarcal; porém, estas não se deixaram dominar, reagiram como puderam para alcançar um pouco de autonomia em suas vidas. Com isso, é interessante refletir sobre a recepção das obras a partir da representação contida nos romances de Júlia Lopes de Almeida e de Mercedes Cabello de Carbonera. É interessante pensar nas possibilidades de leituras críticas suscitadas através da literatura; sobretudo a questão da mulher. Mesmo quando retratadas em romances de países distintos, como no caso do Peru e do Brasil, são capazes de marcar de forma significativa a relação de dominação existente entre os gêneros. Podemos dizer que Cabello construiu e projetou a identidade social feminina através da representação das práticas sociais.



Sua escrita produziu argumentos com significados e efeitos suficientes, que trouxeram ao leitor a possibilidade de compreensão de contextos socioculturais diversos. Segundo Vargas:

La vida y la obra de Mercedes Cabello de Carbonera están signadas por una transparente pureza moral. Ella encarna en un tiempo en que el escribir era un ameno pasatiempo o un simpático despliegue de erudición, la actitud y la aptitud literaria como un medio de acción. Fue un personaje atrayentemente contradictorio que jamás dudó en ir contra la corriente, sin que le importara mucho enajenarse el malhumor ni la impopularidad, ya de los de su propio gremio, ya del común de la gente, o de las poderosas instituciones con las cuales en algún momento se enfrentó. Por lo que, sin proponérselo, concitó ardientes adhesiones y abjuraciones terribles, especialmente en los últimos tramos de su vida literaria activa. (Vargas, 2003, p. 15)

No Peru, na segunda metade do século XIX, as mulheres começaram a almejar uma posição que as retirasse do ambiente familiar levando-as rumo aos fechados círculos sociais da esfera pública. Através do estudo e da interação cultural elas foram se conscientizando da necessidade de participação no âmbito social.

Mercedes Cabello de Carbonera teve uma importante contribuição no processo de conquistas dessas mulheres. Em seus escritos o tema que mais aparecia era a situação da mulher. Ela não concordava com a imposição do matrimônio e a consequente confinamento ao ambiente familiar.

Usa a literatura como instrumento de denúncia da sociedade peruana do final do século XIX, também da condição feminina hispano-americana, de sua subordinação (consentida ou não). Tudo isso a partir de seus escritos e também através da representação de seus personagens nos romances.

No transcorrer da história, a mulher nutriu a submissão e o silêncio e aceitou o comando do homem e o sistema social vigente. Para que tais condutas fossem fundamentadas, havia diversas influências atuantes na relação social entre mulheres e homens alicerçadas, em bases de perspectivas comportamentais, culturais e ideológicas dentre tantas outras.

No final do século XIX, a mulher ainda se mantinha subordinada à sujeição do sistema patriarcal dominante, circunstância vigente desde os primórdios da colonização. O contexto educacional foi decisivo que promovia juntamente com Igreja a manutenção do sistema cuja visão ideológica era patriarcalista.



Júlia Lopes de Almeida é uma escritora que não teve a atenção merecida para sua obra. Romancista e dramaturga que se projetou no início do século XX, terminou sendo esquecida pela crítica falocêntrica, que a ela reservou um papel secundário.

Lopes de Almeida foi uma respeitada escritora que realizou através de sua escritura um feminismo possível dentro do contexto histórico em que viveu; foi jornalista, romancista, contista e autora de peças teatrais; além de ter uma produção considerável, que passa pela literatura infantil, por matérias jornalísticas e romances. Talvez o segredo de sua aceitação seja o fato de não ter se posicionado contra as regras estabelecidas pela sociedade para a mulher: usa essas mesmas regras como argumento para reivindicar condições que dariam maior independência em relação ao homem. Interessante comentar que essas ideias aparecem em suas obras ficcionais.

Sua estratégia era de aconselhar os leitores através de seu caráter brando. O que lhe garantiu acesso a um grande número de leitores de diversas camadas sociais foi justamente a forma como escrevia; em seus escritos quase não havia intervenções agressivas. Estimulou à escrita e a leitura para mulheres, promoveu salões literários em sua residência.

A escritora foi considerada a mais importante escritora do Brasil; chegando a ser apontada como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis. Mas, logo no início do século XX foi esquecida pelos seus contemporâneos.

Podemos dizer que produziu o material literário a fim de transmitir através de seus personagens a imagem que nos fizeram repensar o imaginário feminino ali presente. Também é necessário buscar entender como ocorreu o processo de construção da subjetividade de cada personagem protagonista que conduziu o leitor até o imaginário pretendido pelas autoras. Viveu em uma época em que a pena era instrumento essencialmente masculino, porém, ainda assim, levantou e discutiu questões importantes para as mulheres.

Ambas as autoras reivindicaram a educação da mulher e a função que exercia na família e na sociedade; associando o público e o privado, dentro da sociedade burguesa. Almejavam uma educação igualitária para mulheres e homens, assim como também um modelo diferente daquele que somente as prepara para serem mães e esposas exemplares. Uma educação que fosse além das aulas de bordado, música e poesia; onde pudessem ter acesso às matérias científicas, tais como: matemática, história, geografia



etc. Defendiam que o campo de atuação feminino deveria ultrapassar as fronteiras do lar e das atividades domésticas.

Ambas as autoras tentavam derrubar a polarizada divisão social existente entre homens e mulheres. Acreditavam ser necessária a inserção das mulheres no discurso histórico; que fossem capazes de promover a desconstrução da tradicional imagem da mulher como gênero neutro ou inferior, permitindo pensar a mulher em suas práticas e representações.

3. Corpo feminino – espaço social hipotético

Atualmente os corpos dos seres humanos são o centro de discussões e estudos em diversas esferas. Partindo desse pressuposto, podemos inferir que o corpo faz parte da manifestação cultural, podemos dizer que os seres humanos foram e, ainda são influenciados pela cultura dominante de cada período histórico. Até mesmo Aristóteles, Sócrates e Platão refletiram sobre a concepção de corpo que permeava a sociedade grega. E, cabe ressaltar que esta visão divide o estudo em basicamente quatro períodos históricos; podemos dizer que a concepção grega, o conceito durante a Idade Média, na Modernidade e na Contemporaneidade.

Com o avanço das descobertas, o corpo se “individualiza” e passa a receber maiores cuidados. Sendo este, durante muito tempo foi apenas um personagem secundário em muitos estudos, sendo o objeto principal a sexualidade. Com isso, vê-se que na atualidade, muitos estudos sobre o corpo sintetizam relações de poder que mediam as relações sociais.

Já faz muito tempo que as análises históricas abriram um grande número de temas a fim de tornar o estudo dos corpos mais abrangente. Proposições como o corpo vivido no cotidiano, em crise, em festa ou o controle social, por exemplo, são as vertentes possíveis de trabalho. Quanto maior for a quantidade de abordagens, mais evidente será o reconhecimento de que as mudanças sociais são capazes de influenciar diretamente nas condutas e comportamentos.

A partir de estudos sobre o corpo, percebe-se que o tema deixa uma lacuna na história, “um grande esquecimento do historiador. A história tradicional era, de fato, desencarnada. Interessava-se pelos homens e, secundariamente, pelas mulheres. Mas quase sempre em corpo” (Le Goff, 2003). Dessa forma, seria, segundo ele, “preciso



[...] dar corpo à história. E dar uma história ao corpo [porque] o corpo tem uma história [e a] concepção de corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas” (Le Goff, 2003).

Fazendo referência as obras de Cabello e de Júlia Lopes, podemos dizer que ambas as protagonistas vivem um “hiato” entre elas mesmas e o mundo, pois o contexto social lhes impõe uma relação de docilidade e submissão com a realidade em que vivem; o sistema patriarcal realiza a sujeição do corpo feminino.

Vê-se privilegiada a imagem da mulher angelical, a boa mãe, o sacrifício, a abnegação, ou seja, a negociação de si. Sobretudo, porque a formação social castrou a liberdade feminina, fazendo do corpo um objeto de procriação.

Nos corpos apresentados nos romances estão inscritos todo um discurso patriarcal; há um esforço de seriedade e justificativa moral. Esses corpos denunciam áreas de conflito, ambigüidades, sendo capazes de representar o imaginário social feminino. Os múltiplos discursos inscritos nesses corpos formam um campo de tensões (tanto de afirmações como de ambigüidade) que formula sua história e sua identidade; sobretudo, o corpo imaginário é capaz de ofertar um espaço hipotético da mulher na sociedade.

4. Considerações Finais

Podemos dizer que através da literatura obtemos suporte para provocar inquietações e questionamentos sobre o presente buscando romper com os (ainda persistentes) abusos contra a mulher. Que, às vezes, na sociedade atual é colocada nas sombras do esquecimento, fora do lugar de enunciação e como subalternas. A partir do que foi exposto, podemos voltar a refletir sobre os diferentes usos que se pode fazer da literatura, até mesmo como um espaço de resistência. Se pensarmos na questão das mulheres e na resistência ao sistema patriarcal, podemos dizer que fazem um exercício intelectual e público de maneira muito avançada em um espaço absolutamente autorizado pelos homens, ou seja, em um lugar no qual as mulheres podem habitar mediante a aprovação masculina, pois se entende que elas estão cumprindo a função que a sociedade as legou. Entretanto, além de cumprirem esse papel, as mulheres o fazem indo adiante, utilizando um lugar autorizado como uma forma de alcançar emancipação



intelectual. Essa relação passa por um jogo de assimilação de normas estabelecidas e quebra dessas mesmas regras, desse modo, as mulheres não podem ser entendidas no jogo das relações sociais como perdedoras.

5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Mensageira*. São Paulo: Imesp/Daesp, 1987. v. 1. p. 3.

_____. *Memórias de Marta*. Pesquisa, organização, cronologia e introdução de Rosane Saint-Denis Salomoni. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª edição. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, Ltda., 2000.

CARBONERA, Mercedes Cabello de. *Eleodora*. Lima: Folletín del Ateneo de Lima, 1887.

_____. *Las consecuencias*. Lima: Imprenta de Torres Aguirre, 1889.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: Ed. UnB, 1993.

GUARDIA, Sara Beatriz. *Mujeres peruanas. El otro lado de la historia*. 4. ed. Lima: Librería Editorial Minerva, 2002.

JOZEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves/UFRJ, 2005.



LE GOFF, Jacques. História e memória. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

RODRIGUES. Cláudia Regina da Silva. *Os papéis sociais e a representação do feminino em Blanca Sol de Mercedes Cabello de Carbonera*. Dissertação de Mestrado em Letras Neolatinas. Orientadora Professora Dra. Cláudia Heloisa I. Luna Ferreira da Silva (UFRJ). Defesa em 11/03/2015, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<http://avataresantenedos.com.br/formsnl/claudiarodriguesmestrado.pdf>

Acessado em 06/01/16.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A escritora/ os críticos/ a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. Tese apresentada no curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS para obtenção do título de doutor em Letras – Literatura Brasileira. Porto Alegre: UFRGS Mimeo, 2005.

VARGAS, Ismael Pinto. *Sin perdón y sin olvido. Mercedes Cabello de Carbonera y su mundo*. Lima: Universidad de San Martín de Porres, 2003. (Serie Periodismo y Literatura 499).